

UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA

**RADIODOCUMENTÁRIO TRIPLA JORNADA:
RELATOS E DESAFIOS DA PERMANÊNCIA DE
MULHERES-MÃES NO ENSINO SUPERIOR**

Viçosa - MG

Curso de Comunicação Social - Jornalismo da UFV

2024

LAURA BEATRIZ SABINO

**TRIPLA JORNADA: RELATOS E DESAFIOS DA PERMANÊNCIA DE MÃES
NO ENSINO SUPERIOR**

Projeto Experimental apresentado ao Curso de Comunicação Social/Jornalismo, da Universidade Federal de Viçosa, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social.

Orientação: Prof^a Mariana Ramalho Procópio Xavier.

VIÇOSA
SETEMBRO 2024

Universidade Federal de Viçosa Departamento de Comunicação
Social Curso de Comunicação Social - Jornalismo

Projeto Experimental intitulado *Rádiodocumentário Tripla Jornada: relatos e desafios da permanência de Mulheres-Mães no Ensino Superior*, de autoria da estudante Laura Beatriz Sabino, aprovada pela banca examinadora constituída pelos seguintes professores:

Profa Dra Mariana Ramalho Procópio
Xavier Orientadora
Curso de Comunicação Social - Jornalismo
da UFV

Profa. Me. Jonathan Fagundes da Silva
Fundação Rádio e TV de Viçosa

Vanessa Vieira Coutinho
Jornalista

Viçosa, 12 de Setembro de 2024

RESUMO

O presente trabalho teve como objetivo a produção de um radiodocumentário sobre os desafios vividos durante a entrada e permanência de mulheres-mães no ensino superior a partir dos relatos e vivências de mulheres que experimentaram essa realidade. Nosso público-alvo são estudantes que passam por situações parecidas e interessados na temática. Nosso referencial teórico está fundamentado em estudos sobre os papéis de gênero e maternidade, passando por temas como carreira e estudo. Também refletimos sobre o gênero radiodocumentário e a construção da narrativa de um produto radiofônico. Em síntese, é possível dizer que falar da maternidade dentro do contexto universitário revela que as mães-estudantes estão em uma tripla jornada, com desafios institucionais, pedagógicos e sociais.

PALAVRAS-CHAVE

Radiodocumentário; Maternidade; Universidade; Ensino Superior.

ABSTRACT

The objective of this work was to produce a radio documentary about the challenges faced during the entry and permanence of mothers in higher education, based on the accounts and experiences of women who have experienced this reality. Our target audience is students who go through similar situations and are interested in the subject. Our theoretical framework is based on studies on gender roles and motherhood, covering topics such as career and study. We also reflect on the radio documentary genre and the construction of the narrative of a radio product. In summary, it is possible to say that talking about motherhood within the university context reveals that mothers-students are on a triple journey, with institutional, pedagogical and social challenges.

KEY WORDS

Radio documentary; Maternity; University; Higher Education.

AGRADECIMENTOS

Iniciarei esses agradecimentos parabenizando a mim mesma, por mais que possa parecer egoísta, só quem vive a difícil conciliação entre o maternar, trabalhar e estudar sabe o que vivi. Laurinha, eu sei que você sonha com esse momento, e sei também que nunca duvidou de que nós chegaríamos até aqui, só não sabíamos que teriam tantos desafios! Hoje eu me agradeço por não ter desistido, por não ter parado pra chorar e não ter dado importância a tudo que indicava ser impossível, me acolho com amor e me declaro a mulher que sempre quis ser, apesar de já ter iniciado a vida profissional, me sinto pronta e, agora, formada! A todos meus professores, que me ensinaram cada coisinha até aqui e me formam, agora, uma profissional: obrigada por terem escolhido a educação e por terem me encontrado!

À minha mãe, companheira e eterna família: Adriana, meus sonhos são reais hoje porque você sonhou comigo, raramente me lembro das vezes que eu duvidei que podia algo, e isso foi você quem plantou em mim. Hoje eu sou exatamente quem você me criou pra ser, e não nos imagino separadas. Obrigada por me permitir chegar até aqui da forma mais tranquila possível, isso te gerou marcas que, em mim, viraram coragem.

Aos meus avós: direi mais uma vez, e quantas forem preciso que todo trabalho e tempo dedicados a nossa família me trouxeram até aqui. Agradeço ao amor e carinho, vocês nunca me deram um abraço apertado, mas nunca soltaram minha mão, o que fez o nosso nome estar no quadro da UFV para além de funcionários, essa vitória é nossa!

Antonella, minha filha, minha inspiração e quem me deu o título que me permitiu conduzir esse trabalho: um dia você saberá e viverá o “se tornar mulher”, nesse dia, quero ser seu exemplo. Tudo que faço e fiz foi porque te sentir crescer dentro de mim e, depois, se transformar aqui fora mudou minha vida por completo. Agradeço a Deus todos os dias por termos nos encontrado, você é a materialização de tudo que mais amo, me lembro de ter pedido a Deus para compensar minha gravidez tão confusa com um bebê sorridente e todos os dias, quando olho pra você me lembro da fidelidade d’Ele.

Aos meus amigos Taynara, Isabelle, Adrielle, Gustavo, Robert e Roberta: que louco ter encontrado vocês nessa caminhada, que sorte! Obrigada por marcarem a minha vida e me mostrarem tudo que o afeto é capaz de curar, a Comunicação nos escolheu muito certo! Aos demais amigos, a quem também pude contar nessa jornada, estendo esse agradecimento, a amizade é uma das melhores coisas que experienciei na vida.

“Nenhuma luta pode ter sucesso sem mulheres participando lado a lado com os homens. Há dois poderes no mundo: um é a espada e o outro a caneta. Há um terceiro poder mais forte que os dois: o das mulheres..”

Malala Yousafzai

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	6
1) DISCUSSÕES SOBRE GÊNERO, MATERNIDADE E TRABALHO.....	9
1.1 A maternidade durante a graduação.....	12
2. RÁDIO: AMPLIANDO VOZES E DEMOCRATIZANDO A INFORMAÇÃO.....	14
2.1 Radiodocumentário.....	16
3) RELATÓRIO TÉCNICO.....	19
PRÉ-PRODUÇÃO.....	19
PRODUÇÃO.....	20
PÓS-PRODUÇÃO.....	21
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	24
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	25

INTRODUÇÃO

Mesmo sendo proibidas de acessar o ensino superior até 1879¹, as mulheres hoje são maioria com diploma universitário no país, Segundo o levantamento *Estatísticas de Gênero: Indicadores sociais das mulheres no Brasil* realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em 2022, as mulheres são maioria entre os brasileiros com diploma, representando 21,3% em comparação com os 16,8% dos homens².

Contudo, o informativo produzido em 2021 pelo movimento *Parent In Science* acerca de mulheres e maternidade no Ensino Superior no Brasil³, revelou que o percentual de mulheres diminui conforme se avança na carreira científica. Elas são maioria dos matriculados e bolsistas da graduação, mestrado e doutorado, porém minoria em cargos de docência em universidades e liderança em grupos de pesquisa, além de terem acesso a apenas 25% das bolsas em níveis mais altos como 1A e Sênior.

É necessário uma análise cuidadosa para delimitar os motivos pelos quais essa diferença entre gêneros no contexto educacional é formada e mantida. De acordo com Aquino (2006), elas podem estar associadas a dois conjuntos de fatores: (a) socialização de gênero, que conforma as escolhas profissionais e delimita horizontes de possibilidades diferentes para homens e mulheres, atendendo a diferentes expectativas sociais e familiares; (b) resultado da difícil conciliação entre carreira e família.

Uma pesquisa realizada pelo Dataprev⁴, no início de 2023, apontou que, no total, 36% das mulheres sem filhos ingressaram na universidade, enquanto 9% estudaram apenas até o fundamental. Entre as mães, 28% das mulheres com crianças até 12 anos têm o fundamental completo, número que vai a 42% entre as mães de jovens de 13 a 17 anos. Em ambos os grupos, só 17% das mulheres completaram o ensino superior. Além disso, a pesquisa mostrou que a probabilidade de uma mulher sem filhos ter estudado até o ensino superior é 112% maior do que uma mãe de crianças pequenas.

Se analisarmos a relação Parentalidade X Ensino Superior, aparecem novos dados: pelo menos 1 em cada 10 estudantes de graduação nas instituições de ensino superior federal (considerando homens e mulheres) já possuem filhos e cerca de 65,5% deles dependem de auxílio da família para se dedicar aos estudos. Apenas 5,2% destes estudantes contam com

¹ Disponível em: <<https://sae.digital/historia-das-mulheres/>> . Acesso em: 22/08/2024

² Disponível em:

<https://jovempan.com.br/noticias/brasil/mulheres-sao-maioria-no-ensino-superior-no-brasil-aponta-ibge.html>.

Acesso em: 22/08/2024

³ Disponível em: https://www.parentinscience.com/files/ugd/0b341b_6ac0cc4d05734b56b460c9770cc071fc.pdf.

Acesso em: 22/08/2024.

⁴ Disponível

em: <https://www.em.com.br/app/noticia/saude-e-bem-viver/2023/05/13/interna_bem_viver.1493499/7-em-cada-10-mulheres-sao-maes-no-brasil-metade-e-solo.shtml>. Acesso em: 22/08/2024

creches e redes de apoio na universidade⁵. Ainda, conforme dados do IBGE, os arranjos monoparentais femininos (mães solo) representam a metade do número de mulheres mães no Brasil⁶, com limitações na rede de apoio.

Zang, Blanco e Bobsin (2021, p.1) apontam que “a permanência das mulheres no ensino superior e principalmente das mulheres que são mães é uma pauta que pouco figura nas políticas de ações afirmativas das instituições de ensino superior”. Em geral, as mulheres-mães se encontram em uma posição de “não-lugar (Fontel, 2019) pela falta de acolhimento e escuta, falta de políticas de permanência além de discursos e práticas excludentes a esse público que acontecem dentro das universidades. A partir disso, surgem questionamentos: se existem evidências que comprovam que boa parte das mulheres alunas do ensino superior já são mães, por que ainda faltam políticas pensadas para a permanência delas nas instituições de ensino? E por que ainda é tão difícil ver discussões acerca desse tema?

Com intuito de fortalecer a contextualização deste trabalho, realizei uma busca por publicações com o descritor “mãe e universitária” no Google Acadêmico. Em uma observação preliminar, foi possível perceber que grande parte dos trabalhos é referente aos últimos cinco anos, o que nos aponta para um aumento do interesse e visibilidade da temática. Também notei que a autoria dos trabalhos é constituída principalmente por mulheres e pesquisadoras que, ao se tornarem mães, se depararam com a falta de preparo das instituições.

Como mais uma mulher que experimentou a gravidez e vivencia a maternidade dentro do contexto universitário, eu me propus a tratar dessa temática na Universidade Federal de Viçosa (UFV), como trabalho de conclusão de curso, acreditando que a comunicação é um instrumento de transformação potente, revolucionário e ampliador. É nesse contexto que o radiodocumentário “TRIPLA JORNADA: relatos e desafios da permanência de mães no ensino superior” foi criado. Enquanto produto jornalístico, este radiodocumentário tem como objetivo principal reunir informações sobre os desafios vividos por mulheres-mães estudantes e pesquisadoras, além de evidenciar políticas que existem e/ou podem ser adotadas pelas instituições para melhorar o acesso e permanência deste público.

A escolha por um projeto experimental em rádio justifica-se pelas características de acessibilidade dos formatos radiofônicos. Acreditamos que o produto permite o tratamento de um tema complexo, mas com recursos de linguagem acessível e simples, que contribuem não só para a visibilização de histórias de mulheres mães estudantes e de contextualizações de

⁵ Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior (ANDIFES). V Pesquisa do Perfil Socioeconômico e Cultural dos Estudantes de Graduação das Instituições Federais de Ensino Superior Brasileiras. Brasília, 2018. Disponível em: <<https://www.andifes.org.br/wp-content/uploads/2019/05/V-Pesquisa-Nacional-de-Perfil-Socioeconomico-e-Cultural-dos-as-Graduandos-as-das-IFES-2018.pdf>>. Acesso em: 25/08/2024

⁶ Disponível em: <https://www.em.com.br/app/noticia/saude-e-bem-viver/2023/05/13/interna_bem_viver.1493499/7-em-cada-10-mulheres-sao-maes-no-brasil-metade-e-solo.shtml>. Acesso em: 22/08/2024

especialistas, mas também para o encorajamento de todas e todos na busca por políticas que não excluam a nós e nem os nossos filhos e filhas.

Este memorial está organizado em três capítulos: o primeiro reflete sobre os papéis de gênero e maternidade, passando por temas como carreira e estudo. Já o segundo capítulo apresenta informações a respeito do gênero radiodocumentário e da construção da narrativa de um produto radiofônico. Por fim, apresento um relatório técnico com os detalhes da busca e levantamento de dados referentes à pesquisa e ao processo de produção e construção a partir dos relatos ouvidos e vividos.

1) DISCUSSÕES SOBRE GÊNERO, MATERNIDADE E TRABALHO

Em nossa sociedade ocidental, as diferenças biológicas e anatômicas entre homens e mulheres serviram para fundamentar, histórica e culturalmente visões diferentes sobre o feminino e o masculino. De acordo com Silveira (2008), ao feminino associa-se a natureza, as emoções, a afetividade e ao masculino, refere-se a virilidade, a força e a lógica. Essa visão antagônica também organiza a divisão sexual do trabalho, em que certas atividades foram atribuídas aos homens e outras, às mulheres. A essas últimas, prevalece a responsabilidade pelo cuidado do lar e da família.

Determinar a maternidade como papel principal da mulher e impor que se sobressaia sobre qualquer outra atividade ao mesmo tempo que permanecem os padrões de comportamento machistas que isentam os homens de tais responsabilidades, pode ser visto como uma tentativa de impedi-las de chegar em determinadas posições sociais. Grisci (1995, p.15) define esse movimento como “itinerário histórico da reprodução biológica” e diz que “essa vertente que compõem o itinerário de construção da mulher-mãe é infinita em termos de duração, pois as mulheres são construídas para serem mães, indispensavelmente, em detrimento de qualquer outra atividade que possam vir a desempenhar”.

Nas últimas décadas, o papel da mulher na sociedade tem sofrido grandes transformações, as quais só foram possíveis graças ao movimento de rompimento de padrão liderado pela luta feminista. A crescente participação da mulher no mercado de trabalho refletiu também na sua vida doméstica, segundo Coutinho e Menandro (2015), podemos definir a consolidação de novas possibilidades para a vida da mulher como um “processo complexo, marcado por avanços e retrocessos” .

Antes dos avanços feministas, as poucas carreiras e trabalhos onde as mulheres eram socialmente aceitas se resumiam em uma extensão do seu papel como mãe e educadora. Elas eram excluídas das esferas de poder e influência social por terem sua identidade diminuída historicamente ao âmbito familiar, matrimonial e, principalmente, materno, como aponta Grisci (1995). Na lógica machista e patriarcal na qual a nossa sociedade está inserida, os espaços destinados à mulher não se separam do “ideal feminino” ligado ao casamento e à maternidade, essa relação de trabalho/saber/poder forma um círculo vicioso e não virtuoso de manutenção das desigualdades entre os gêneros (Hirata; Kergoat, 2007).

Elisabeth Badinter (2011) vai dizer no seu livro *O conflito: a mulher e a mãe* que, antes dos anos 70, não existia a discussão sobre querer ou não ser mãe, a maternidade era vista como uma consequência natural do casamento, portanto visto como um dever e ao mesmo tempo, algo determinado pelo instinto. Foi ao iniciar a luta pela emancipação feminina e o surgimento de

avanços como os contraceptivos que a sociedade pôde observar a ambivalência materna e descaracterizar a maternidade de um “desejo universal”.

Com as novas possibilidades, as mulheres passaram a acumular funções, afinal o acesso à carreira e estudos não as isolam dos seus afazeres como esposa e mãe, criando assim um processo de sobrecarga naturalizado e invisível. A partir de estudos sobre como é dada a divisão do cuidado destinado a casa e filhos quando pai e mãe trabalham fora, Rocha-Coutinho 2003) diz que, mesmo com o aumento da participação masculina, as mães, guiadas pela desigual divisão de sexos, se sentem responsáveis pelo trabalho de cuidado.

O discurso social contemporâneo, que exalta a igualdade entre homens e mulheres, convive ainda, mesmo que de forma muitas vezes velada, com o antigo discurso que esperava de homens e mulheres diferentes papéis e posições sociais, especialmente na família, fazendo com que a antiga ideia de que “mãe é mãe” e de que “só a mãe sabe como melhor cuidar de seus filhos” continue a prevalecer (Rocha-Coutinho, 2003, p. 94).

A entrada da mulher no mercado de trabalho, no ensino superior e em vários outros lugares garantiu às mulheres um poder econômico e, provenientes disso, muitas outras formas de poder (Emídio; Hashimoto, 2008). Esse poder muitas vezes entra em conflito com a maternidade, já que quando ocupam posição de mãe lidam com a culpa e cobrança da sociedade pelo ideal materno, a mulher-mãe se sente então, limitada e repreendida, como se ocupar um cargo ou posição social fosse impedi-las de viver o que, culturalmente, definiu-se como seu propósito maior: a maternidade.

Assim, as mulheres que possuem seus filhos e lutam pelo sucesso profissional lidam ainda com a culpa materna de “deixar” os filhos e, por isso, perderem momentos e oportunidades, além de gerar nelas o sentimento de frustração por não conseguir ser o ideal que a sociedade exige. Grisci (1995, p.16) aponta que “a mulher-mãe incorpora duas dimensões, a mãe real e a mãe ideal, sendo o choque entre ambas inevitável”.

É válido destacar que, em meio aos desafios internos, a mulher-mãe ainda sofre pressões e preconceitos na sociedade, que as exclui e afasta de cargos e posições. Recentemente o projeto *Parent In Science* revelou em seu último levantamento de dados que o percentual de mulheres é reduzido conforme se avança na carreira científica no Brasil, e ainda apontou que a baixa presença de mulheres nessas áreas é causada principalmente pelo estigma de que essas carreiras exigem qualidades que, histórica e culturalmente, foram consideradas “masculinas” (Parent in Science, 2021).

Por isso, é importante ressaltar que o avanço e manutenção da posição feminina em cargos e lideranças deve ser pensado e discutido, principalmente a fim de não determinar a maternidade como condição distanciadora do sucesso profissional. Uma maneira de iniciar essa discussão é pensar na não exclusão de mulheres-mães no ensino superior e em direitos que

possibilitem a entrada e permanência delas na graduação, pós graduação e em carreiras científicas ou no mercado de trabalho.

1.1 A maternidade durante a graduação

A gravidez é uma das maiores transformações que uma pessoa pode experimentar na vida. Mesmo para aquelas que desejam o famoso positivo, ela vem como uma espécie de “interrogação”. Naquele momento de transição para a maternidade, a mulher não tem certeza de como será a criança, de como irá conciliar as suas atividades com a nova demanda e nem de como ela irá se comportar diante do desafio que é criar e educar alguém. Todas essas questões individuais não as exclui de lidar também com a sociedade, e quando a gestação ocorre durante a graduação, com o julgamento e falta de apoio.

Entre as camadas médias da sociedade, existe um grande esforço por parte dos pais para que os filhos tenham acesso ao Ensino Superior como uma forma de transformar a sua realidade (Romanelli, 1995). Por isso, a chegada de uma criança durante o período de estudos pode não ser bem vista. Segundo Urpia e Sampaio (2009), embora a maternidade ainda esteja fortemente vinculada ao que se é esperado para a vida da mulher, a conclusão dos estudos se configura hoje como um requisito mínimo para que ela seja socialmente aceita. Baseadas nisso, muitas famílias ao receber a notícia da gravidez da estudante vivem o fenômeno da “gravidez enquanto fim do mundo” (Dadoorian, 2003).

Ao vivenciar tais questões, essas jovens se encontram em uma posição de não pertencimento, que pode se caracterizar por sentimentos como: a gravidez como um “meio” entre o não ser e o “se tornar” uma mãe; o sentimento de quebra de expectativa em relação a sua família, a culpa por inverter uma “ordem social” atribuída às mulheres, na qual primeiramente se estuda, para depois constituir uma família e o sentimento de conquista ao ocupar um lugar em um curso de graduação sendo tomado pelo novo sentimento de que o seu sonho “acabou”. Atrelado a isso, existe a necessidade de continuar se dedicando a suas funções rotineiras enquanto se prepara e, mais tarde, vive as constantes mudanças da nova rotina, acumulando múltiplas funções e tornando o processo de permanecer estudando um ato de resistência.

No artigo *Cuidar ou ser cuidada? Os dilemas e os efeitos da maternidade em uma universidade brasileira*, a pesquisadora Silvana Maria Bitencourt (2017), ao desenvolver um estudo em 2016-2017 com mães universitárias, aponta que a maternidade exige dedicação e conciliar o maternar, estudar e o cuidar de si e da casa gera uma grande sobrecarga, o que é extremamente prejudicial a mulher e pode gerar até mesmo doenças físicas e psicológicas como a depressão, obesidade, hipertensão e diabetes. Ignorar a sobrecarga e solidão materna na universidade é também ignorar fatos.

Se ao discutir o papel da mulher na sociedade atual encontramos a dupla jornada como um ponto de discussão comum, ao adicionar essa experiência a vivência universitária podemos concluir que essas mulheres ao conciliar a maternidade com a rotina de estudos e demais afazeres/trabalho se encontram em uma posição ainda mais exaustiva: a tripla jornada. Por mais que as mulheres da atualidade estejam acostumadas a desempenhar diversas funções, a graduação exige grande dedicação por parte dos estudantes com a leitura, trabalhos, seminários, pesquisas em geral e estágios que, para as mulheres-mães em situação de vulnerabilidade ou que mantêm financeiramente seus lares e precisam de uma fonte de renda, conflitam com a sua rotina de trabalho.

No estudo de Tabak (2002), o autor afirma que o casamento não planejado, a gravidez no decorrer da graduação e o nascimento de filhos são as principais causas relacionadas à evasão universitária feminina. Para além disso, Fontel (2019) vai declarar em seu estudo que, para se configurar evasão, é necessário que haja participação das sujeitas na ação. Nesse sentido, ações, práticas e discursos que invisibilizam essas mulheres fazem parte de um fenômeno intitulado por ela como “processos de expulsão escolar de mães do espaço universitário” (2019, p.90) que ocorre pela falta de apoio das instituições enquanto a mulher passa pelos processos listados a seguir:

engravidar → noticiar a família → ir grávida para a universidade → pedir licença-maternidade para mãe estudante → precisar retornar às atividades após o parto → buscar uma rede de apoio para cuidar da criança enquanto estuda → levar a criança para a faculdade → trancar o curso/permanecer.

É válido lembrar que, mesmo todos esses processos acontecendo dentro da universidade, as estudantes, na maioria das vezes, se sentem desamparadas, já que a forma de lidar com as atividades durante a gravidez e as demais dificuldades vividas em sala de aula são vistas como responsabilidade do professor e, até o momento, nenhuma instituição brasileira dispõe de algum documento que pelo menos oriente aos docentes como deve ser essa conduta. Essa falta de institucionalidade de procedimentos abre espaço para atos que discriminam e afastam essas estudantes. Podemos citar aqui um exemplo: em uma pesquisa recente, realizada em 2023/2024 na UFV com mães estudantes nos Centros Acadêmicos⁷ os relatos evidenciam as dificuldades vividas pelas estudantes por não ter tempo suficiente para participar de seminários, eventos e nem mesmo estágios e se sentirem excluídas e penalizadas por isso. As estudantes relatam a falta de empatia dos professores ao não mudarem prazos e formas de entrega nem mesmo no

⁷ SILVA, Thaís Aparecida Lacerda; MENDES, Diego Costa. Maternidade, estudo e trabalho: um olhar sobre as múltiplas jornadas de mães discentes. *Oikos: Família e Sociedade em Debate*, v. 35, n. 1, p.01-22, 2024. Disponível em: <<https://periodicos.ufv.br/oikos/article/view/15305/9743>>

período de licença maternidade, sendo resguardados pela falta de leis que penalizam essa violência. O que impressiona, na verdade, é que esses relatos se espelham com uma pesquisa realizada por Menezes et al. em 2012⁸ com mães universitárias, constatando que, mesmo tendo se passado mais de 10 anos, sem a criação e implantação de políticas que resguardem esse público, a realidade não se transforma.

Ao analisar a condição das mulheres no contexto acadêmico nos questionamos até que ponto pode-se falar de transformações nas relações de gênero no contexto das universidades (Urpia; Sampaio, 2009). Por isso, é importante cobrar das Universidades políticas que viabilizem a condição das estudantes mães e promovam uma efetiva democratização do ensino.

O ensino superior representa uma etapa muito importante para a independência feminina. Afinal, a educação é também o que possibilita que elas se sintam realizadas e tenham melhores empregos e condições de vida, Menezes et, al. mostram na sua pesquisa que um grande motivo para que mães universitárias assumam essa difícil missão que é adotar uma jornada tripla, segundo elas, são:

[...]as expectativas de melhora da renda familiar e de uma mudança de vida após a conclusão do curso universitário, funcionando como motivadores ao ingresso e continuidade no curso, aliado também ao fato de que a faculdade é vista, em alguns casos, como sonho a ser realizado (Menezes et al., 2012, p.36).

Por isso, abrir as portas da educação superior não é o bastante para aquelas mulheres que fazem a escolha de se tornarem mães, afinal uma ampla incorporação das mulheres às universidades e à ciência, sem que haja mudanças culturais profundas no âmbito acadêmico, acaba por colocá-las em situação de grande desvantagem (Aquino, 2006). É papel das instituições não apenas oferecer condições para a formação dessas mulheres, mas também acolher as suas dificuldades e fornecer suporte a fim de diminuir a frustração e o abandono.

⁸ MENEZES, Rafael de Souza et al. Maternidade, trabalho e formação: Lidando com a necessidade de deixar os filhos. *Construção Psicopedagógica*, São Paulo, v. 20, n. 21, 2012, p. 23-47. Disponível em: <<https://pepsic.bvsalud.org/pdf/cp/v20n21/03.pdf>>

2. RÁDIO: AMPLIANDO VOZES E DEMOCRATIZANDO A INFORMAÇÃO

O rádio é uma das maiores ferramentas dentro do jornalismo, além de ser uma das mais antigas, o seu início se deu em 1888, quando o físico alemão Heinrich Rudolf Hertz comprovou a existência de ondas eletromagnéticas sem imaginar que essa descoberta possibilitaria a criação do veículo de comunicação que mais tarde viria a ser conhecido como a “paixão nacional” dos brasileiros⁹. Depois de mais de 100 anos da instituição do rádio no Brasil ele já passou por várias transformações, que vão desde estilo e forma de se comunicar até veiculação e migração para formatos digitais, sem perder o seu encanto e caráter único, já que, por mais que no primeiro momento ele fosse uma definição de uma nova tecnologia de transmissão, hoje, os estudos de rádio se voltam para a sua definição a partir do seu grande potencial como veículo de comunicação (Ferraretto e Kischinhevsky, 2010).

O rádio tem um potencial ampliador, já que a linguagem é acessível, dinâmica e permite que sejam veiculadas informações, nas mais remotas áreas e a públicos de diferentes camadas sociais (Makovics, 2003). Uma das suas principais vantagens - se comparadas aos demais meios de transmissão de informações - é o seu formato exclusivamente auditivo, o que permite que os ouvintes realizem atividades paralelas a sua utilização, não sendo necessário que o receptor se afaste de suas tarefas para absorver a informação que está sendo passada, o que gera uma grande aceitação do público. Segundo pesquisa recente realizada pelo Kantar Ibope Media, divulgada em 2023, o rádio é ouvido por 80 % da população nas 13 regiões metropolitanas do Brasil¹⁰, entre os ouvintes, três a cada cinco escutam rádio todos os dias, quando o assunto se estende a outros formatos de áudio, como streamings ou podcasts, o número sobe para 90%.

Por esses fatores, a radiofonia é considerada um grande instrumento de disseminação dentro da comunicação¹¹, já que faz parte da rotina das pessoas e, através dele, pode-se informar, ensinar e entreter, a depender do contexto: “Bem, o brasileiro acorda ... e liga o RÁDIO! Daí em diante, ele não é mais o mesmo - os acontecimentos considerados destaques de sua cidade, país ou do mundo, chegam-lhe através do seu noticiário radiofônico preferido” (Blois, 1996, p. 13-14). Mesmo estando na rotina e na vida das pessoas, o meio precisou redescobrir-se para conseguir se manter em meio ao crescimento de novas tecnologias, isso se fez possível quando novas produções surgiram contornando suas limitações e explorando seus diferenciais, quando ganharam destaque conteúdos até então pouco explorados na programação radiofônica, como “o

⁹ Disponível em:

<<https://www.gov.br/mcom/pt-br/noticias/2021/setembro/radio-no-brasil-ha-mais-de-100-anos-criando-e-contando-historias>>. Acesso em: 27/08/2024

¹⁰ Disponível em: <<https://kantariibopemedia.com/conteudo/estudo/inside-audio-2023/s>>. Acesso em: 27/08/2024

¹¹ A disseminação da comunicação é um termo usado para se referir ao fato de espalhar amplamente a comunicação, entendemos que a “noção de disseminação é comumente interpretada como equivalente à de difusão, ou mesmo de divulgação” (Lara; Conti, 2003, p. 26)

jornalismo, as transmissões esportivas, o serviço para a população e a música gravada” (Ferraretto, 2007, p. 137).

Em paralelo a isso, mesmo se destacando nesse contexto de transformações e inovações, é possível entender que o rádio dispõe de determinadas características particulares desde a sua criação, que permanecem únicas e devem ser tidas em consideração na elaboração de produtos radiofônicos. McLeish (2001) vai dizer que existem particularidades que constroem o perfil do veículo, entre elas: (1) a capacidade de estimular a imaginação do ouvinte; (2) o baixo custo de produção, que o torna mais acessível e (3) a linguagem simples, que permite a sensação de estar falando diretamente com o seu espectador, como em uma conversa particular. Essas características básicas do rádio colocam o ouvinte como ponto central da discussão, já que, quando encontram dificuldades para compreender a narrativa, se tornam aptos a interromper a comunicação a qualquer momento (McLeish, 2001, p. 18).

Pela capacidade de atender as reais necessidades do ouvinte, o rádio se apresenta como “instrumento potencial de educação e cultura populares” (Kaplún 2017, p. 46), por esse motivo, explorar esse potencial ampliador do veículo para levar discussões sociais e contemporâneas é uma opção muito viável, tendo em vista que narrativas em áudio, em geral, carregam um enorme potencial educativo por serem de fácil entendimento e próximo da linguagem coloquial, o que permite o acesso de pessoas analfabetas e com dificuldade para acessar pesquisas escritas.

Deve-se atentar então, para a construção da narrativa de modo a prender a atenção do público ouvinte e afetar suas emoções, sendo importante oferecer-lhe elementos de identificação com o que está sendo transmitido, já que essa capacidade de estar na rotina como um “plano de fundo” pode ser motivo da não dedicação e concentração à mensagem radiofônica, além do que a unisensorialidade do meio, o qual se baseia somente no sentido da audição, tende a suscitar monotonia e cansaço (Kaplún, 2017). Também é necessário fazer uso de recursos disponíveis na linguagem radiofônica, como músicas e sons, para favorecer a comunicação, tornando a mensagem capaz de captar a atenção sem exigir um esforço excessivo de concentração da parte do ouvinte.

2.1 Radiodocumentário

As produções radiofônicas dispõem de diversos elementos que compõem e ilustram a construção sonora, a depender do formato que será veiculado, a construção tende a ser mais ou menos emocional e profunda. O que vai permitir essa intensidade é a capacidade sonora que permite criar diferentes efeitos a depender do formato a ser produzido, quando se trata de uma narrativa longa, envolvente e informativa a partir da combinação de sons, entrevistas, narração e paisagens sonoras, dá-se o *radiodocumentário*. A principal diferença dos documentários

audiovisual e sonoro é a unisensorialidade¹², presente apenas no segundo, que torna a experiência do documentário algo totalmente novo, já que o espectador “entra” na narrativa para imaginar a paisagem e o rosto daquelas vozes, permitindo explorar novas sensações, brincando com o efeito dramático que documentários costumam ter.

A singularidade do rádio como veículo de comunicação reside no fato de que é o ouvinte quem faz a cena. É o ouvinte quem cria a partir do que ouve o cenário do que está sendo dito, sugerido ou representado. O locutor, o repórter, o ator ou mesmo o cantor, são meros deflagradores de um processo que está na cabeça, na imaginação de cada um. Por isso, o resultado da comunicação pelo rádio é incontornável. Ela é sempre mágica, volitiva, etérea, uma quimera – quase celestial (Ferreira, 2023 apud. Severo, Antunes)

Ferraretto (2014, p. 156) define o documentário de rádio (aqui radiodocumentário) como uma produção que dispõe de uma construção mais exigente para segurar a audiência, e carrega em si “a necessidade de possuir um alto nível de elaboração, conteúdo e forma combinados de maneira a garantir uma atenção quase constante por parte do ouvinte”. O autor vai definir o radiodocumentário como uma construção que passa por etapas diversas desde a pauta, que deve ser aprofundada em dados e levantamento de informações e “inclui, ainda, recursos de sonoplastia, envolvendo montagens e a elaboração de um roteiro prévio” (Ferraretto, 2014, p. 58), para ele, o gênero deve ir além da voz - parte fundamental da produção radiofônica - e gerar sentimentos ao mesclar o conjunto de trilhas, efeitos sonoros e a articulação vocal com o propósito de fazer com que o ouvinte compreenda a melhor mensagem

Os autores Chantler e Harris (1998) acreditam que o documentário é uma grande reportagem, com todos os princípios básicos que norteiam esse tipo de produção: matérias longas, reunião de várias sonoridades com opiniões divergentes, fontes diversas e abertura para dar ao ouvinte a noção exata do que vai ser noticiado a seguir. Além disso, eles ressaltam que o uso de efeitos sonoros e musicais, junto com as sonoridades, são recursos atrativos para o público. No Brasil, é frequente a presença de um narrador nos documentários em rádio, sua função é conduzir o entendimento “encadeando os diversos documentos uns aos outros, comentando-os, concluindo” (Kaplún, 2017, p. 134).

Para ser definido como um documentário, deve-se observar também a duração. Kaplún (2017) estima que deve ser de meia hora ou, pelo menos, 15 a 20 minutos. No roteiro deve-se usar recursos variados como:

¹² Unisensorialidade é um conceito utilizado por Kaplún para descrever a forma que a construção sensorial a partir da audição é construída para o rádio: “O rádio somente emite sons. É unisensorial: pode valer-se de um só e único sentido, a audição, que é limitada. O visual não existe. Frente a um receptor de rádio, somos como cegos, o ouvinte deve assumir uma voluntária cegueira” (Kaplún, 2008, p.83).

Entrevistas	Ao contrário da simples opinião do locutor, a fala de especialistas e fontes que têm experiência e vivência no assunto preenchem a produção, trazendo autoridade. Através da entrevista podemos ouvir direto do sujeito, trazendo um novo peso ao assunto.
Ruídos Reais	Usar os ruídos ao seu favor é permitir que os ruídos do dia-a-dia, do trânsito, da casa saiam do lugar de defeito ou impróprio e seja usado como ferramenta de ilustrar e compor a paisagem sonora Ex: a gravação de ruídos causados pelos problemas de trânsito pode ser usada para ilustrar uma narrativa sobre o tema, agregando valor as falas de denúncia e de especialistas
Falas Testemunhais	“Eu estive aí”, “Hoje, me aconteceu tal coisa”, “Eu estou vivendo este problema”. Garante proximidade e a linguagem simples do rádio, possibilitando prender a atenção do público.
Mini Painéis	É fazer o uso do recurso de mesa-redonda, colocando dois ou mais especialistas para responder a mesma questão, em formato totalmente informativo e educador
Citações	Usar citações é muito válido em documentários educacionais e informativos, para isso, deve-se fazer como no impresso, sinalizando o autor da citação e referenciando corretamente, caso se enquadre, pode usar outros recursos como voz ou trilha sonora diferente.
Flash dramatizado	É criar “memórias” através de recursos sonoros para compor a narrativa, é muito utilizado para ilustrar conversas e histórias passadas popularmente

Além de ter uma apresentação completa sobre o tema, para garantir que o produto final, mesmo que longo, não seja de difícil compreensão e se torne entediante, afinal, apresentar as informações de forma mais dinâmica é o grande diferencial desse formato.

3) RELATÓRIO TÉCNICO

PRÉ-PRODUÇÃO

Desde o início da faculdade, meu interesse era poder apresentar um projeto experimental, quase sempre minhas vontades exploravam vivências de mulheres e a apresentação dessas vivências através do audiovisual. Por esse motivo, eu procurei a professora Mariana Procópio, que tem um olhar sensível e se mostrou a orientadora perfeita para o meu projeto. No início, a gente se reuniu para conversar sobre a temática, projeto e como eu poderia fazer o recorte que me permitisse seguir com a pesquisa e apresentar um projeto possível para mim, já que eu vivia em uma rotina que não me permitia ter muito tempo livre para a gravação. Por isso, seguimos para a escolha de construir uma narrativa em áudio.

A primeira parte dessa construção se deu a partir da pesquisa. Ao escolher abordar a temática da maternidade dentro das universidades, foi preciso iniciar um processo de busca de referências, exemplos e formatos possíveis de transformar um tema tão difícil e sensível para mim em um projeto experimental de rádio. Para essa narrativa, eu precisaria de vozes e relatos, o que parecia ser difícil dentro da minha experiência de me sentir sozinha e sem ter onde compartilhar as violências vividas durante o meu processo de engravidar e viver a maternidade durante o ensino superior.

Ao buscar as pesquisas já publicadas, escolhi duas referências principais para o início: *Mães na universidade: performances discursivas interseccionais na graduação*, dissertação escrita pela pesquisadora Luana Fontel, que aborda a maternidade passando pela construção social, histórica e discursiva dos papéis de gênero, que intensificam a sobrecarga vivida por mulheres mães. Também adotei o artigo *Cuidar ou ser cuidada? Os dilemas e os efeitos da maternidade em uma universidade brasileira*, escrito pela pesquisadora Silvana Maria Bitencourt em 2017. O artigo é fruto de um estudo com mães universitárias, retratando diferentes realidades de mulheres e como a maternidade e os cuidados com a casa, em paralelo com a rotina universitária pode ser extremamente prejudicial para a vida dessas mulheres.

Para falar da maternidade dentro do contexto universitário era preciso considerar um extremo: conciliar a maternidade, o trabalho (já que essas mulheres vão precisar de mais recursos do que outros estudantes) e a graduação coloca as mães-estudantes em uma sobrecarga extrema: a tripla jornada, que apareceu como nome e angulação principal do projeto final.

Para o resultado final esperado, eu planejei gravar as entrevistas na Rádio Universitária, já que no estúdio o resultado seria acompanhado por um técnico e isso me possibilitaria ter mais confiança para conduzir a entrevista. A edição e roteiro também seriam feitos por mim, então, quanto mais eu conseguisse otimizar o tempo, melhor. Também estabeleci um pré-roteiro, que me auxiliaria na organização dos assuntos para o produto final.

Para a construção da narrativa, decidi pela seguinte ordem: (1) uma fonte que foi mãe antes da graduação e pudesse relatar como foi chegar aqui já vivenciando a maternidade e a assistência estudantil; (2) uma estudante que vivenciou a maternidade durante a graduação e ainda não tinha se formado e (3) uma mulher que foi mãe durante a graduação ou pós graduação e conseguiu se formar e avançar nos estudos, sendo capaz de relatar a experiência e servir de inspiração para os ouvintes. Depois disso, procurei fontes especialistas em assistência social e estudantil para ampliar o debate e enriquecer o documentário. Ao reunir possíveis nomes, eu fiz o primeiro contato para saber quem se interessaria e quem poderia me ajudar, avisando que seria um produto sonoro.

PRODUÇÃO

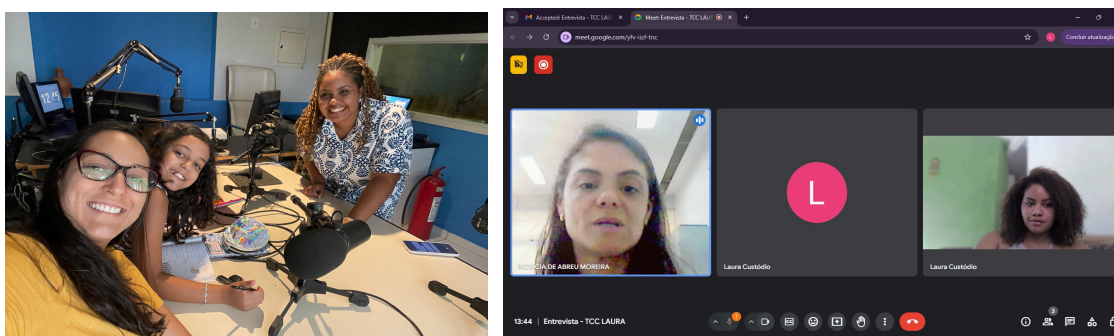
Tendo em mãos a temática e o formato, segui para as produções do memorial e do projeto experimental, que, a princípio, seria uma série com 3 episódios de Podcast. Para isso, eu segui em busca de fontes possíveis e em pensar como eu poderia fazer essa escolha de modo que as entrevistas fossem variadas e as experiências contadas abordassem as formas que as dificuldades se apresentam em diferentes contextos. Pensei em alguns recortes que, no final, foi escolhido assim:

Alexssandra - Pedagogia	Mãe-solo preta e periférica que perdeu seu marido para a criminalidade, também foi mãe durante a adolescência e entrou na graduação já com a sua filha
Heloísa - Comunicação Social	Mãe atípica, foi mãe durante a graduação e tem o seu companheiro que também é estudante da UFV
Jamile Gomes - Vereadora	Mãe solo, foi mãe durante a graduação e conseguiu se graduar, se formou mestre em educação e eleita como vereadora com o slogan: “lugar de mãe é na política!”
Joelma - Serviço Social	Mãe de 6 filhos, atípica que retornou aos estudos em 2023 e conseguiu entrar na graduação
Patrícia Lima - Andorinhas	Mãe solo, docente na UFOP e coordenadora da rede Andorinhas, projeto de sucesso em iniciativas para mulheres e mães dentro da universidade
Pró-reitora de assuntos comunitários UFV	Abordei os especialistas de dentro da UFV para saber como essa temática é vivida dentro da instituição e o que está sendo pensado para a permanência desse público

Com o primeiro contato com as fontes e, percebendo que as narrativas se encontravam em dados momentos, o formato mudou de podcast para radiodocumentário, que permitia unir as falas e acrescentar mais dados e informações.

No período de execução, a UFV entrou em greve, o que atrasou as marcações e mudou o prazo para entrega. Com os desafios de um novo trabalho, não consegui seguir com a gravação. Ao voltarmos para a rotina de aulas, um novo desafio se deu: conseguir fazer toda a gravação e edição com o novo prazo e de acordo com a agenda das minhas fontes. Tudo foi possível graças à colaboração de cada uma delas, que se mostraram interessadas em participar e dispostas a conciliar nossas agendas para possibilitar as entrevistas.

As entrevistas foram realizadas de forma online e presencial, por conta das demandas individuais. Heloísa, Alexssandra e Joelma me mandaram áudios via whatsapp. Jamile gravou comigo no estúdio da Rádio Universitária, na Vila Giannetti e Cátia e Rodrigo me receberam na Pró-Reitoria de Assuntos Comunitários. A gravação foi através do meu celular. Por questão da distância, a entrevista com a Patrícia foi realizada e gravada via meet, depois do primeiro contato feito pelo Instagram do Andorinhas, que me respondeu prontamente com o e-mail dela possibilitando uma fonte tão inspiradora e potente na narrativa.



Fotos: Entrevistas realizadas com Jamile Gomes e Patrícia Lima

Após o término das gravações de entrevistas, ocorrido no dia 10/09, eu sintetizei todos os materiais em um drive e me organizei para começar a edição do radiodocumentário.

PÓS-PRODUÇÃO

Depois de ter todas as entrevistas gravadas, dei início ao processo de decupagem delas, para estabelecer os melhores trechos a serem utilizados. Com o interesse pelo trabalho e boa recepção das fontes, as conversas foram longas e os áudios tinham cerca de 30 minutos cada, o que demandou um longo processo de escuta, percepção e planejamento para conseguir dividir algumas falas que estavam muito grandes, acompanhar o raciocínio ligando fala de diferentes fontes e ilustrar a fala de especialistas com relatos reais.

Na nossa última orientação presencial, a Mariana me deu uma nova instrução de como seguir com o roteiro, que era a única parte que faltava ser gravada, com isso, corremos contra o tempo para terminar logo a nova versão, passar pela aprovação e conseguir gravar para que não atrasasse a edição, o que aconteceu bem, visto que todas as pessoas envolvidas estavam empenhadas, a correção foi rápida e a gravação se deu em menos de 30 minutos, já que na semana todos os horários disponíveis para gravação de sonoras no estúdio da TV Viçosa estavam reservados.

Para editar, escolhi o software Audacity, por ser mais simples e fácil de usar e permitir que os áudios sejam tratados e as trilhas adicionadas da forma que eu preferisse, para acelerar o processo, contei com a ajuda de um amigo que trabalha com comunicação e rádio William Nascimento, que tratou as sonoras de entrevistas e regulou as alturas, o que foi de grande valia já que eu não dominava a ferramenta, o que me permitiu escolher as trilhas e organizar o roteiro, enquanto isso. Ao mesmo tempo que a construção era feita, eu ainda estava me dedicando ao Memorial, documento que faz parte da entrega do trabalho, então enquanto as coisas andavam na edição eu revisava, padronizava o material e enviava para a orientadora conferir.

A escolha das trilhas que compõem o radiodocumentário foi, de certa forma, intuitiva. Escolhi músicas que representam a maternidade e a mulher, letras potentes, para background, escolhi músicas famosas, para que aqueles que ouvissem a melodia pudessem reconhecer e entender o que guiou a escolha, o que faz com que os momentos em que a narrativa muda sejam ilustrados pela letra da música, mesmo que naquele momento só possa ser ouvida a versão instrumental. No final da escolha, ficou assim:

Para todas as mulheres - Mariana Nolasco	Fala da força feminina, da ancestralidade e da coragem de falar, usada como abertura
Anunciação - Alceu Valença	Música muito conhecida para anunciar gravidez, no produto ilustra os relatos de descoberta
Areia - Sandy	Pouco tempo atrás a cantora assumiu que essa letra melancólica e melodia triste foram criadas para ilustrar o momento de puerpério, onde a mulher passeia entre o ser mulher e ser mãe ao estar com um recém nascido, foi usada para ilustrar as sonoras de dificuldades vividas
Trem Bala - Ana Vilela	Muito conhecida por ter relação com a vida e maternidade, o instrumental suave compôs perfeitamente com a narração e com as transições de assunto

Maria Maria - Milton Nascimento	Como fala de força feminina com melodia alegre, escolhi usa-la para contar do que está sendo feito para as mulheres da UFOP e na história da Joelma, nos lembrando de celebrar a força feminina
---------------------------------	---

Depois de mais de 30 horas completamente dedicados a edição, conseguimos ver o produto final pela primeira vez, com aproximadamente 27 minutos de duração e todas as falas potentes e inspiradoras, depois de adicionar os créditos e agradecimentos, a construção fechou em 30 minutos e 31 segundos.

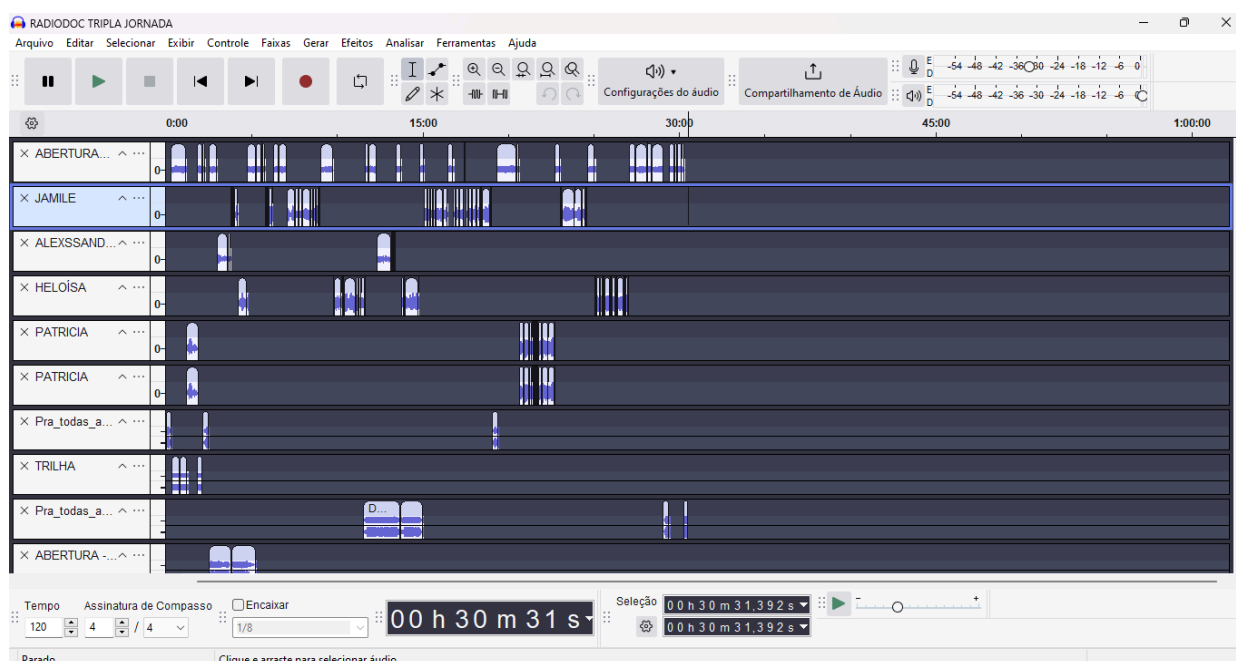


Foto: Visão do projeto finalizado no Software de edição

Depois disso, eu terminei de construir esse relatório que fechava a construção do Memorial e me preparei para a entrega do Trabalho Final.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao analisar as referências escolhidas e quantidade disponível de estudos acerca de como a maternidade é percebida no ensino superior, podemos concluir que, por mais que exista um grande número de mães dentro das universidades, elas ainda não encontram políticas públicas de assistência e permanência suficientes. Parece-nos que a ausência de uma institucionalização da forma de lidar com a estudante grávida/puérpera/mãe ainda é um agravante, já que não há garantia efetiva da proteção e do respeito em torno desse público. Tal constatação reforça a importância de continuar estudando, publicando e produzindo, como forma de enfrentamento e denúncia a um sistema que é muito lento quando se trata de beneficiar mulheres, principalmente as que são mães. Nesse processo, ver o brilho nos olhos das mulheres que contribuíram, direta ou indiretamente para esse trabalho serviu como um motivador para seguir em frente.

Ao todo, foram 14 meses empregados nessa produção, que começaram com a leitura e estudo de pesquisas já feitas em instituições pelo Brasil e terminou com a escolha em apresentar os resultados neste memorial. No Projeto Experimental “Radiodocumentário Tripla Jornada” foram ouvidas estudantes e servidoras, todas mães e interessadas pelo assunto.

Por mais que desenvolver desde as pesquisas até as entrevistas parecia uma escolha muito arriscada para um trabalho de conclusão de curso, uma vez que eu vivenciava essa tripla jornada, a problemática se encaixava na minha realidade. Ao entrar em contato com as fontes, percebi que um dos motivos para a falta de produções ou bibliografias sobre o assunto era, na verdade, a falta de interesse da sociedade como um todo pela luta pela entrada e permanência de estudantes com dependentes no ensino superior, o que serviu de motivação para seguir adiante, com vários agradecimentos e felicitações pela coragem de fazer um projeto tão grande e potente. O desenvolvimento do projeto serviu também como uma grande oportunidade de colocar em prática os conhecimentos adquiridos ao longo do curso, que foram desde a ética para abordar fontes oficiais, construção de pauta e angulação, realização de entrevistas, criação de roteiro e narrativa.

Por fim, vale ressaltar que da grande quantidade de informações e violências vividas e contadas pelas fontes, poucas foram as que eu consegui encaixar no limitado tempo do produto final. Foi preciso então, escolher falas principais que se encaixavam em experiências coletivas e não iria expor demais as fontes, além de reforçar a importância de lutar por direitos e políticas, que foi o objetivo final de toda produção. Essa necessidade de escolha aponta que esse público quer falar, e que as necessidades são vistas, já que foi muito fácil encontrar mães solo, atípicas, estudantes da graduação, pós graduação ou servidoras, o que salienta a urgência em mudar as coisas e questionar o porquê a Universidade ainda exclui a nós e os nossos filhos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AQUINO, E. M. Gênero e ciência no Brasil: contribuições para pensar a ação política na busca da equidade. In: ENCONTRO NACIONAL PENSANDO GÊNERO E CIÊNCIA NÚCLEOS E GRUPOS DE PESQUISA, 2005, 2006, Brasília. Anais eletrônicos... Brasília: Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres, 2006

BADINTER, Elisabeth. *O conflito: a mulher e a mãe*. Rio de Janeiro: Record, 2011.

BITENCOURT, Silvana Maria. Cuidar ou ser cuidada? Os dilemas e os efeitos da maternidade em uma universidade brasileira. Seminário Internacional Fazendo Gênero 11 & 13th Women 's World Congress. Anais[...]. Florianópolis, 2017, ISSN 2179-510X.

BLOIS, Marlene M. O rádio nosso de cada dia. *Comunicação & Educação*. São Paulo, v. 2, n. 6, 1996. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/36238/38958>>. Acesso em: 27 agosto 2024.

COUTINHO, S. M. S., & MENANDRO, P. R. M. (2015) Representações sociais do ser mulher no contexto familiar: Um estudo intergeracional. *Psicologia e Saber Social*, 4(1), 52-71.

DADOORIAN, D. Gravidez na adolescência: um novo olhar. *Psicologia: ciência e profissão*, v. 23, n. 1, p. 84-91, 2003

EMIDIO, S. T.; HASHIMOTO, F. Poder feminino e poder materno: reflexões sobre a construção da identidade feminina e da maternidade. *Colloquium Humanarum, Presidente Prudente*, v. 5, n. 2, p. 27-36, dez. 2008. DOI: 10.5747/ch.2008.v05.n2.h057 .

FERRARETTO, Luiz Artur; KISCHINHEVSKY, Marcelo. Rádio. In: JOSÉ MARQUES DE MELO (ed.). *Enciclopédia INTERCOM de Comunicação*. São Paulo: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2010. p. 1009-1010.

FERRARETTO, Luiz Artur. *Rádio: o veículo, a história e a técnica*. 3 ed. Porto Alegre: Doravante, 2007. 375 p. ISBN 859921920 (broch.).

FERRARETTO, Luiz Artur. *Rádio: teoria e prática*. São Paulo: Summus, 2014. 189p. ISBN 9788532309778.

FERREIRA, A. da P. A invenção do rádio: um importante instrumento no contexto da disseminação da informação e do entretenimento. *Múltiplos Olhares em Ciência da Informação*, Belo Horizonte, v. 3, n. 1, 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/moci/article/view/16969>. Acesso em: 27 ago. 2024.

FONTEL, L. *Mães na universidade: performances discursivas interseccionais na graduação*. 2019. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) - Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.

GOMES, Lídia Laís Balbino. *Mulher, mãe e universitária: desafios e possibilidades de conciliar a maternidade à vida acadêmica*. 2020. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/17638>. Acesso em: 18 nov. 2023.

GRISCI, C. L. I. Mulher - mãe. *Psicol. cienc. prof Brasília*, v. 15, n. 1-3, p. 12-17, 1995

HIRATA, HELENA; KERGOAT, DANIELÈLE. Novas configurações da divisão sexual do trabalho. *Cadernos de pesquisa*, v. 37, n. 132, p. 595-609, 2007.

KAPLÚN, Mario. *Produção de Programas de Rádio, do roteiro à direção*. São Paulo: Intercom, Florianópolis: Insular, 2017. 436 p. Disponível em:

<http://portcom.intercom.org.br/ebooks/arquivos/radio-producao-programas06102017.pdf>. Acesso em: 07 Agosto 2024

LARA, Marilda Lopes de; CONTI, Vivaldo Luiz. Disseminação da informação e usuários. São Paulo em Perspectiva, São Paulo, v. 17, n. 3-4, 2003. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/spp/a/r5ZQ4WRBQFYLXcQjkg4gjxj/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 27 Agosto 2024

MAKOVICS, Nahara Cristine. O rádio no Brasil: da história às contribuições de Sonia Virgínia Moreira. Artigo desenvolvido para o Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social, Curso de Doutorado, da Universidade Metodista de São Paulo, VII Colóquio Internacional sobre a Escola Latino-Americana de Comunicação (CELACOM), sob orientação do Prof. Dr. José Marques de Melo, São Bernardo do Campo, 2003.

MENEZES, Rafael de Souza et al. Maternidade, trabalho e formação: Lidando com a necessidade de deixar os filhos. Construção Psicopedagógica, São Paulo, v. 20, n. 21, 2012, p. 23-47.

MCLEISH, Robert. Produção de Rádio: um guia abrangente de produção radiofônica. 4. ed. São Paulo, SP: Summus, 2001. 242 p. (Novas buscas em comunicação; 62). ISBN 9788532305893 (broch.).

Mulheres no ensino superior são maioria; entenda. Educa Mais Brasil, 2023. Disponível em: <<https://www.educamaisbrasil.com.br/educacao/noticias/mulheres-no-ensino-superior-sao-maioria-entenda>>. Acesso em: 22, nov, 2023.

Mulheres brasileiras na educação e no trabalho. IBGE - Educa, 2023. Disponível em: <<https://educa.ibge.gov.br/criancas/brasil/atualidades/20459-mulheres-brasileiras-na-educacao-e-no-trabalho.html>>. Acesso em: 22, nov, 2023.

Parent in Science: Mulheres e maternidade no ensino superior no Brasil, 2021. Disponível em: <https://www.parentinscience.com/files/ugd/0b341b_6ac0cc4d05734b56b460c9770cc071fc.pdf>. Acesso em: 23, nov, 2023.

ROCHA-COUTINHO, M.L. (2003). O papel de homens e mulheres na família: podemos falar em reestruturação? Psicologia Clínica, 15(2), 93-107.

ROMANELLI, G. O significado da educação superior para duas gerações de famílias de camadas médias. Revista brasileira de estudos pedagógicos, v. 76, n. 184, 1995, p. 445-476.

Sem considerar maternidade, ciência brasileira ainda penaliza mulheres. Gênero e Número, 2018. Disponível em: <https://www.generonumero.media/reportagens/sem-considerar-maternidade-ciencia-brasileira-ainda-penaliza-mulheres/#index_3>. Acesso em: 21, nov, 2023.

SILVA, Thaís Aparecida Lacerda; MENDES, Diego Costa. Maternidade, estudo e trabalho: um olhar sobre as múltiplas jornadas de mães discentes. Oikos: Família e Sociedade em Debate, v. 35, n. 1, p.01-22, 2024

TABAK, Fanny. O laboratório de Pandora: estudos sobre a ciência no feminino. Rio de Janeiro: Garamond, 2002.

VIEIRA, A. C.; SOUZA, P. B. M. de; ROCHA, D. S. da P. Vivências da maternidade durante a graduação: uma revisão sistemática. Revista Cocar, [S. l.], v. 13, n. 25, p. 532–552, 2019. Disponível em: <https://periodicos.uepa.br/index.php/cocar/article/view/2172>. Acesso em: 25 ago. 2024.

ZANG, M.S; BLANCO, S.M; BOBSIN G.R. Permanência das mulheres-mães no ensino superior.

ANEXOS

**RADIODOCUMENTÁRIO TRIPLA JORNADA: ENTRADA E PERMANÊNCIA DE MULHERES MÃES
NO ENSINO SUPERIOR**

Produção, reportagem e apresentação: Laura Beatriz Sabino

Ano de produção: 2024

Tempo:30:00

Autorizações do uso de voz

TEC- VH

Abertura

FADE IN + BG:

=====

(INTRODUÇÃO)

POR MUITO TEMPO, O ACESSO À EDUCAÇÃO, PRINCIPALMENTE AO ENSINO SUPERIOR FOI RESERVADO AOS HOMENS. APENAS NO ANO DE 1789, AS MULHERES CONSEGUIRAM O DIREITO DE CURSAR UMA UNIVERSIDADE. HOJE, ESSA REALIDADE É DIFERENTE. DE ACORDO COM DADOS DE 2022 DO INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE), AS MULHERES CORRESPONDEM A MAIS DE 57% DOS 5,1 MILHÕES DE ALUNOS MATRICULADOS EM UNIVERSIDADES, NO PAÍS.

MESMO SENDO MAIORIA NAS UNIVERSIDADES, AS MULHERES AINDA ENCONTRAM MUITAS BARREIRAS EM SUA VIDA ACADÊMICA. ESSAS DIFICULDADES TENDEM A SER MAIORES, SE A ESTUDANTE AINDA FOR MÃE. OS OBSTÁCULOS PARECEM VIR DE TODOS OS LADOS: DAS INSTITUIÇÕES DE ENSINO, DAS LEGISLAÇÕES, DA COMUNIDADE ACADÊMICA, DAS EXPECTATIVAS SOCIAIS, FAMILIARES E PESSOAIS.

=====

FALAS DIVERSAS DE MULHERES FALANDO JUNTAS - SUAS EXPERIÊNCIAS, CONCILIAÇÃO E ROTINA

=====

EFEITO SONORO

TRANSIÇÃO -

**Instrumental - Todas as
mulheres**

A PRESENÇA E PERMANÊNCIA DE MULHERES-MÃES NO ENSINO SUPERIOR É AINDA UM ASSUNTO DELICADO E MUITAS VEZES, NÃO DISCUTIDO. MAS QUAL O MOTIVO DISSO? O QUE ESSAS MULHERES, QUE

VIVENCIAM MUITAS VEZES A DIFÍCIL CONCILIAÇÃO ENTRE OS ESTUDOS, TRABALHOS E MATERNIDADE TÊM A DIZER?

MEU NOME É LAURA BEATRIZ E VOCÊ ESTÁ OUVINDO O RADIODOCUMENTÁRIO “TRIPLA JORNADA: RELATOS E DESAFIOS DA PERMANÊNCIA DE MÃES NO ENSINO SUPERIOR”

=====

MÚSICA ABERTURA

=====

EFEITO SONORO
TRANSIÇÃO -
Anunciação

A GRAVIDEZ É UMA DAS MAIORES TRANSFORMAÇÕES QUE UMA PESSOA PODE EXPERIMENTAR NA VIDA. MESMO PARA AQUELAS QUE DESEJAM O FAMOSO POSITIVO, ELA VEM COMO UMA ESPÉCIE DE “INTERROGAÇÃO”. NAQUELE MOMENTO DE TRANSIÇÃO PARA A MATERNIDADE, A MULHER NÃO TEM CERTEZA DE COMO SERÁ A CRIANÇA E DE COMO IRÁ CONCILIAR AS SUAS ATIVIDADES COM A NOVA DEMANDA. SURGE TAMBÉM A DÚVIDA SOBRE COMO ELA IRÁ SE COMPORTAR DIANTE DO DESAFIO QUE É CRIAR E EDUCAR ALGUÉM.

BG -
ANUNCIAÇÃO

=====

“QUANDO EU DESCOBRI FOI UM SUSTO...”

Sonora 001
Alexssandra

“EU DESCOBRI A GRAVIZEZ...NÃO TINHA UM RELACIONAMENTO”

Sonora 002 Jamile

“A GRAVIDEZ ELA TROUXE UM PROCESSO MUITO INTENSO [...] AÍ EU FUI DIMINUINDO O RENDIMENTO UM POUCO RENDIMENTO NA MINHA NO MEUS ESTUDOS NÉ ASSIM A BARRIGA FOI CRESCENDO FICAVA SENDO INTERPELADA PELAS PESSOAS”

Sonora 003 Jamile

“A IARA MINHA FILHA..... NESSE MOMENTO DO ENSINO SUPERIOR, NÉ”

=====

EM UMA SOCIEDADE PATRIARCAL, COM UM LONGO HISTÓRICO DE DOMINAÇÃO MASCULINA, MULHERES TIVERAM QUE LUTAR MUITO PARA

Sonora 004 Heloísa

TER GARANTIA DOS SEUS DIREITOS. COM ISSO, FORMOU-SE A IDEIA QUE A MULHER ESTUDANTE E PESQUISADORA SE DISTANCIA DA MULHER MÃE. UMA PESQUISA REALIZADA PELO DATAPREV, NO INÍCIO DE 2023, APONTOU QUE A PROBABILIDADE DE UMA MULHER SEM FILHOS TER ESTUDADO ATÉ O ENSINO SUPERIOR É 112% MAIOR DO QUE UMA MÃE DE CRIANÇAS PEQUENAS.

BG SIMPLES

NORMALMENTE, A MULHER É LEVADA A ESCOLHER UM CAMINHO OU OUTRO: QUANDO VIVENCIA A MATERNIDADE, LIDA COM JORNADAS PARCIAIS, SOBRECARGA E ATÉ MESMO INTERRUPÇÕES EM SUA CARREIRA PROFISSIONAL. QUANDO DECIDE AVANÇAR NA CARREIRA ACADÊMICA, MUITAS VEZES O PROJETO DE CASAMENTO E MATERNIDADE É ADIADO OU ABANDONADO.

JAMILE GOMES É MÃE DA ALICE DE 9 ANO. COMO UMA ESTUDANTE QUE VIVENCIOU A GRAVIDEZ DURANTE A GRADUAÇÃO E SEGUIU COM OS ESTUDOS E CARREIRA, ELA REFORÇA A IMPORTÂNCIA DE PENSAR NO PROTAGONISMO FEMININO PARA ALÉM DA MATERNIDADE:

=====

**A [...]PEDAGOGA EU QUERO SER POLÍTICA EU QUERO FAZER OUTRAS COISAS
SABE**

=====

MUITAS VEZES, PARA AS MULHERES QUE VIVEM A GRAVIDEZ NÃO PLANEJADA, O SENTIMENTO DE ORGULHO POR TER CONQUISTADO UMA VAGA EM UM CURSO DE GRADUAÇÃO DÁ LUGAR AO SENTIMENTO DE QUE O SEU SONHO “ACABOU”. NESSE CONTEXTO, O PROCESSO DE PERMANECER ESTUDANDO, CONCILIANDO A VIDA ACADÊMICA COM A MATERNIDADE SE TORNA UM ATO DE RESISTÊNCIA.

Sonora 005 Jamile -
MULHER/PODER

MESMO DENTRO DAS UNIVERSIDADES, MUITAS ESTUDANTES SE SENTEM DESAMPARADAS, JÁ QUE A FORMA DE LIDAR COM AS ATIVIDADES DURANTE A GRAVIDEZ E APÓS O PERÍODO DE LICENÇA SÃO VISTAS COMO RESPONSABILIDADE DO PROFESSOR. ATÉ O MOMENTO, NENHUMA INSTITUIÇÃO BRASILEIRA DISPÕE DE ALGUM DOCUMENTO QUE ORIENTE

**EFEITO SONORO
TRANSIÇÃO**

OS DOCENTES SOBRE COMO DEVE SER ESSA CONDUTA, O QUE ABRE ESPAÇO PARA ATOS QUE DISCRIMINEM E AFASTEM ESSAS ESTUDANTES, COMO RELATA JAMILE:

=====

EU LEVEI ALICE PARA AS AULAS [...] NÃO CONSEGUIA APROVEITAR AQUELE TEMPO

**SONORA +
BG DRAMÁTICO**

A GENTE TEM LICENÇA MATERNIDADE NÉ PARA ESTUDAR [...] TER MENINO VOCÊ NÃO TEM COM QUEM DEIXAR O PROBLEMA É SEU

Sonora 006 LEVAR
Jamile

=====

ATUALMENTE, QUASE 10% DAS MULHERES UNIVERSITÁRIAS BRASILEIRAS ENTRE 19 E 29 ANOS JÁ SÃO MÃES DE CRIANÇAS PEQUENAS. DE ACORDO COM O CENSO DA EDUCAÇÃO DE 2022, HOJE 65,5% DELAS DEPENDEM DE AUXÍLIO DA FAMÍLIA PARA SE DEDICAR AOS ESTUDOS. APENAS 5,2% DESSAS ESTUDANTES-MÃES CONTAM COM CRECHES E REDES DE APOIO NA UNIVERSIDADE.

HELOÍSA É ESTUDANTE DO CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL NA UFV E MÃE DE IARA MATU, DE 1 ANO E 3 MESES. A GRAVIDEZ ACONTECEU DURANTE A GRADUAÇÃO E HELOÍSA CONTA UM POUCO SOBRE OS DESAFIOS QUE ENFRENTOU PARA CONTINUAR O CURSO:

**SONORA +
BG SIMPLES**

=====

DURANTE A GRAVIDEZ TAVA NO MEIO DO PERÍODO [...] O PORQUÊ QUE EU NÃO ESTAVA CONSEGUINDO VIR ENFIM ESSA COISA TODA

Sonora 009 Heloísa

POR UM LADO EU ME SENTI MUITO ACOLHIDA PELOS COLEGAS E ALGUNS PROFESSORES NÉ MAS PELA INSTITUIÇÃO [...] NÃO ME SENTIA ACOLHIDA EU NÃO ME SINTO ACOLHIDA PELA INSTITUIÇÃO

Sonora 010 Heloísa

=====

A DIFICULDADE É AINDA MAIOR PARA AS MÃES SOLO, QUE REPRESENTAM A METADE DO NÚMERO DE MULHERES-MÃES NO BRASIL. CONCILIAR A MATERNIDADE COM A ROTINA DE ESTUDOS E DEMAIS

AFAZERES/TRABALHO GERA UMA ROTINA AINDA MAIS EXAUSTIVA: A TRIPLA JORNADA.

ALEXSSANDRA É ESTUDANTE DE PEDAGOGIA E MÃE DA ANA CLARA DE 11 ANOS E VIVENCIOU ESSA REALIDADE NA PRÁTICA: MÃE AOS 14 ANOS, TEVE QUE INICIAR A VIDA PROFISSIONAL MUITO CEDO TAMBÉM. A ROTINA DE ADOLESCENTE FOI CONSUMIDA PELAS RESPONSABILIDADES COM A FILHA. QUANDO FINALMENTE CHEGOU NO ENSINO SUPERIOR, PRECISOU CONSIDERAR QUE, A PARTIR DALI, TAMBÉM PRECISARIA DE TEMPO PARA AS DEMAIS ATIVIDADES:

Sonora 011

Alexssandra

SONORA +

BG SIMPLES

=====

“A GENTE NÃO CONSEGUE NÉ, NÃO DÁ PARA CONCILIAR TUDO[...] TER TEMPO PARA ME DEDICAR”

=====

CONCILIAR A MATERNIDADE, O ESTUDO E O CUIDADO DE SI E DA CASA GERA UMA GRANDE SOBRECARGA. A ROTINA PODE SER EXAUSTIVA, PRINCIPALMENTE QUANDO CONJUGADA COM OUTRAS PARTICULARIDADES. HELOÍSA É MÃE ATÍPICA, MORADORA DE ZONAS RURAIS E QUILOMBOLA. ELA RELATA PRECISA DE OUTRAS AJUDAS PARA AMENIZAR A SOBRECARGA:

Sonora 013 Heloísa

SONORA +

BG DRAMÁTICO

=====

“É BEM DIFÍCIL LAURA PORQUE EU SOU MÃE ATÍPICA NÉ A IARA MINHA FILHA TEM QUE T21 NÉ A SÍNDROME DE DOWN [...]TEM QUE LEMBRAR A PESSOA QUE VOCÊ É MÃE NÉ ENTÃO TEM QUE SER DIFÍCIL EM VÁRIAS ÁREAS “

=====

A DISCUSSÃO ACERCA DAS POLÍTICAS POSSÍVEIS PARA ABRAÇAR ESSAS MÃES E GARANTIR A PERMANÊNCIA DELAS DENTRO DAS UNIVERSIDADES É MUITO IMPORTANTE. CÁTIA MODESTO, DIRETORA DE ASSISTÊNCIA ESTUDANTIL NA UFV CONTA UM POUCO DO TRABALHO DESENVOLVIDO NO SETOR.

=====

Sonora 014 PRE -
CÁTIA

**SONORA +
BG SIMPLES**

**UFV ELA TEM UMA POLÍTICA DE ASSISTÊNCIA ESTUDANTIL MUITO BEM
FORMATADA AINDA [...] AMADURECENDO NOSSO AUXÍLIO CRECHE PARA QUE
ELES VIREM UM AUXÍLIO PARENTALIDADE**
=====

CÁTIA AINDA COMENTA ALGUNS DESAFIOS ENFRENTADOS PELO SETOR PARA COMPREENDER A REALIDADE DOS ESTUDANTES COM FILHOS. A PRÓ-REITORIA DE ASSUNTOS COMUNITÁRIOS ESTÁ, ATUALMENTE, COLETANDO DADOS PARA MAPEAR A PARENTALIDADE NA INSTITUIÇÃO. ATÉ AGORA, FOI POSSÍVEL IDENTIFICAR QUE A MAIORIA DAS RESPOSTAS INDICAM A PRESENÇA DE ESTUDANTES MÃES. ALÉM DISSO, AS SITUAÇÕES ATENDIDAS PELO SETOR DE ASSISTÊNCIA ESTUDANTIL SÃO AS MAIS DIVERSAS.

Sonora 015
PESQUISA - CÁTIA

Sonora 016 PRE -
CÁTIA

**TEC- Sobe som
MÚSICA
TRANSIÇÃO**

=====

**“ EU LIDEI COM ALGUMAS SITUAÇÕES DE TIPO NÉ A GENTE RECEBER
ESTUDANTES QUE JÁ ERAM MÃES NÉ QUE INGRESSARAM NÉ PREFERIAM TER A
MORADIA ESTUDANTIL ALI [...] CONSIGAM ESTAR INSERIDOS NESSA POLÍTICA**
=====

NO BRASIL, NOVAS POLÍTICAS TÊM SIDO CRIADAS PARA AMPLIAR O ACESSO E A PERMANÊNCIA DE MÃES NO ENSINO SUPERIOR. NO DIA 17 DE JULHO DE 2024 FOI SANCIONADA A LEI QUE AMPLIA O PRAZO PARA CONCLUSÃO DA GRADUAÇÃO PARA PESSOAS QUE DERAM A LUZ, ADOTARAM OU PASSARAM MAIS DE 30 DIAS COM O FILHO NO HOSPITAL.

NA PÓS-GRADUAÇÃO, É GARANTIDA A PRORROGAÇÃO DA BOLSA POR UM PERÍODO DE ATÉ 120 DIAS A ESTUDANTES QUE DEREM À LUZ, ADOTAREM OU OBTIVEREM A GUARDA JUDICIAL DE CRIANÇAS DURANTE O PERÍODO DE VIGÊNCIA DA BOLSA ORIGINAL.

ALÉM DISSO, ALGUMAS UNIVERSIDADES E INSTITUTOS FEDERAIS JÁ POSSUEM COLETIVOS PRÓPRIOS QUE LEVANTAM DEMANDAS E DÃO OPORTUNIDADES A ESSAS ESTUDANTES. É O CASO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO QUE TEM SE DESTACADO NAS POLÍTICAS DE GÊNERO. A UNIVERSIDADE POSSUI O PROJETO MANU - MATERNIDADE E UNIVERSIDADE QUE ATUA DESDE 2021 E CONTA COM MAIS DE 200

ESTUDANTES CADASTRADAS E O COLETIVO DE MULHERES ANDORINHAS QUE LUTA PELOS DIREITOS DAS MULHERES-MÃES.

A PATRÍCIA É COORDENADORA DO PROJETO ANDORINHAS, REDE DE MULHERES QUE TEM TRANSFORMADO O AMBIENTE PARA MULHERES E MÃES NA UFOP E AFIRMA A IMPORTÂNCIA DE MOVIMENTOS COMO ESSE:

=====

O NOSSO NOSSO COLETIVO QUE COMEÇOU DURANTE A PANDEMIA ESPECIFICAMENTE EM JUNHO DE 2021 E INICIALMENTE ASSIM ERA UM GRUPO DE MULHERES NA SUA GRANDE MAIORIA DOCENTES E A GENTE TAVA NAQUELA SITUAÇÃO ASSIM MEIO QUE DESESPERADORA INICIALMENTE A GENTE SE ENCONTROU EU ACHO QUE NUMA TENTATIVA DE ACOLHIMENTO [...] ENTÃO A GENTE AOS POUCOS TEM CONQUISTADOS ESSAS COISAS AQUI DENTRO DA UNIVERSIDADE

=====

VIABILIZAR QUE ESSAS MULHERES PERMANEÇAM NOS ESTUDOS E NA CARREIRA CIENTÍFICA É TAMBÉM ABRIR CAMINHOS E POSSIBILITAR A TRANSFORMAÇÃO SOCIAL. A INCLUSÃO DE MÃES E, PARA ALÉM DISSO, DOS SEUS FILHOS, GARANTE QUE AS MULHERES AVANCEM NAS SUAS CARREIRAS E DITEM O FUTURO QUE QUEREM VIVER.

=====

INCLUSIVE TEM UMA PESQUISA NÃO TEM ELA AQUI AGORA MAS QUE FALA QUE QUANTO MAIOR A ESCOLARIDADE DA [...] ELAS QUE VÃO TRAZER O OLHAR NA EXPERIÊNCIA PARA CONSTRUÇÃO DAS POLÍTICAS

=====

A MATERNIDADE É TAMBÉM UM ATO REVOLUCIONÁRIO E IMPULSIONADOR NA VIDA DE MUITAS MULHERES. APESAR DAS DIFICULDADES, ALGUMAS MULHERES TIRAM FORÇAS DOS PRÓPRIOS FILHOS PARA LUTAR PELO SEU SONHO DA FORMAÇÃO SUPERIOR.

É O CASO DA JOELMA DE 42 ANOS E MÃES DE 6 FILHOS. ESSE ANO, JOELMA ALCANÇOU A APROVAÇÃO NA UFV, AO MESMO TEMPO QUE DUAS DAS SUAS FILHAS:

Sonora 020 Patrícia

**SONORA +
BG
ESPERANÇA**

Sonora 021 Jamile

**SONORA +
BG ESPERANÇ**

**MÚSICA
TRANSIÇÃO**

Sonora 006

JOELMA

**SONORA +
BG
ESPERANÇA**

=====

TENHO SEIS FILHOS E CADA UM UMA FASE DIFERENTE DA VIDA, NÉ? CADA UM AÍ NUMA FASE CRIANÇA PRÉ-ADOLESCENTE ADOLESCENTE E JOVEM ENTÃO ASSIM LIDAR COM ISSO TUDO É BEM COMPLICADO, MAS É MUITO BOM. [...] POR PODER ESTAR ME REALIZANDO COMO MULHER COMO UMA MÃE, NÉ DE SEIS FILHOS SOLO COM TODA DIFICULDADE TENTANDO ENFRENTANDO TODOS ESSES ESSAS COISAS ESSAS PERCALÇOS DA VIDA, NÉ?

=====

A BUSCA POR POLÍTICAS PÚBLICAS E AÇÕES PARA ACESSO E PERMANÊNCIA DE MÃES NO ENSINO SUPERIOR É APOIADO POR UM OBJETIVO COMUM: VER CADA VEZ MAIS HISTÓRIAS DE SUCESSO E DE REALIZAÇÃO DE MULHERES E ACREDITAR QUE A FORÇA FEMININA É POLÍTICA, LIBERTADORA E REVOLUCIONÁRIA, E A MATERNIDADE FAZ PARTE DISSO

=====

ASSIM COMO ESSAS MULHERES, EU TAMBÉM VIVENCIEI DOIS GRANDES MOMENTOS DA MINHA VIDA AO MESMO TEMPO, TER DESCOBERTO A GRAVIDEZ DURANTE A GRADUAÇÃO E NÃO TER ME SENTIDO ACOLHIDA PELA INSTITUIÇÃO ME LEVOU A QUESTIONAR SE REALMENTE A MATERNIDADE ERA O FIM DO MEU SONHO. LOGO EU, QUE NUNCA SONHEI EM SER MÃE.

Sonora 006 LAURA

SONORA +

BG

DRAMAAAAAA

AAA

VIVENCIAR A TRIPLA JORNADA E FAZER PROVAS, TRABALHOS E ATÉ MESMO ESSE RADIODOCUMENTÁRIO DEPOIS DE 1 ANO E 4 MESES SEM DORMIR UMA NOITE INTEIRA ME FAZIAM CHEGAR NAS SALAS DE AULA E PENSAR QUE TALVEZ EU REALMENTE NÃO ESTIVESSE CERTA, QUE EU PRECISAVA ENTENDER QUE AQUELE LUGAR NÃO ERA PRA MIM. MAS A COMUNICAÇÃO É UM PODER, A TRANSFORMAÇÃO SE FAZ NO MOVIMENTO E NEM SEMPRE A VIDA É LINEAR, QUANDO EU CONSEGUIA AVANÇAR, ME DESTACAR NO TRABALHO OU DAR ALGUM CONFORTO A MINHA FILHA EU ENTENDIA QUE SE A GENTE NÃO SE COLOCAR À FRENTE DA DISCUSSÃO, AS COISAS NÃO MUDAM.

=====

ESSE CONJUNTO DE VOZES E RELATOS É PEQUENO AINDA PRA MUDAR O MUNDO, MAS ESPERO QUE SEJA GRANDE PARA AS MULHERES QUE SE

SENTEM DESACOLHIDAS HOJE E COM MEDO DE NÃO CONSEGUIREM REALIZAR OS SEUS SONHOS. A GENTE SÓ OCUPA A UNIVERSIDADE HOJE PORQUE VIERAM MUITAS ANTES DE NÓS. NOSSOS FILHOS SERÃO OS PRÓXIMOS A EXPERIMENTAREM AS TRANSFORMAÇÕES QUE ACONTECEM, QUANDO NOS JUNTAMOS E RESISTIMOS. A ATIVISTA PAQUISTANESA MALALA NOS AVISA: “ EXISTEM DOIS PODERES NO MUNDO; UMA É A ESPADA E A OUTRA É A CANETA. EXISTE UM TERCEIRO PODER MAIS FORTE QUE AMBOS, O DAS MULHERES.”

ESTE RADIODOCUMENTÁRIO É UM PROJETO EXPERIMENTAL APRESENTADO COMO TRABALHO DE CONCLUSÃO DO CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL - JORNALISMO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA.

**Encerramento +
MÚSICA BAIXA
DE FUNDO**

ROTEIRO E LOCUÇÃO: LAURA BEATRIZ
EDIÇÃO: LAURA BEATRIZ E WILL NASCIMENTO
ORIENTAÇÃO: MARIANA PROCÓPIO

ENTREVISTADAS:

ALEXSSANDRA SOUZA
HELOÍSA PURI
JAMILE GOMES
PATRÍCIA LIMA
CÁTIA MODESTO
JOELMA SANTOS

AGRADECIMENTOS:

ADRIANA MARIA SABINO
MARIA INÊS ROSA SABINO
JOÃO FERNANDES SABINO
TAYNARA PENA
ISABELLE BRACONNOT
ADRIELLE MARIANA
ROBERTA ABREU

ROBERT RODRIGUES

ANTÔNIA BEATRIZ

GUSTAVO BARBOSA

A TODAS AS MÃES QUE FAZEM A ENGRENAGEM DESSE MUNDO GIRAR E A NOSSA ANCESTRALIDADE QUE NÃO PERMITE PARARMOS ATÉ TUDO QUE É NOSSO CHEGAR ATÉ NÓS.